



CENTRO UNIVERSITÁRIO GOYAZES – UNIGOYAZES
CURSO DE FARMÁCIA

USO RACIONAL E ACOMPANHADO DE MEDICAMENTOS PARA
PACIENTES NEURODIVERGENTES

Izabela Elias dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Relton Romeis de Oliveira

Trindade-GO

2025

CENTRO UNIVERSITÁRIO GOYAZES – UNIGOYAZES
CURSO DE FARMÁCIA

**USO RACIONAL E ACOMPANHADO DE MEDICAMENTOS PARA PACIENTES
NEURODIVERGENTES**

Izabela Elias dos Santos

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitários
Goyazes – UniGoyazes como requisito para
obtenção do título de Bacharel em
Farmácia.**

Orientador: Prof. Dr. Relton Romeis de Oliveira

Trindade - GO
2025
Izabela Elias dos Santos

USO RACIONAL E ACOMPANHADO DE MEDICAMENTOS PARA PACIENTES NEURODIVERGENTES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Centro Universitários Goyazes –
UniGoyazes como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Farmácia, aprovada
pela seguinte banca examinadora

Prof. Dr. Relton Romeis de Oliveira
Centro Universitário Goyazes – Unigoyazes

Prof. Dra. Giórgia de Aquino Neiva
Centro Universitário Goyazes – Unigoyazes

Prof. Dr. Raphael Caixeta Serpa
Centro Universitário Alfredo Nasser - Unifan

Trindade - GO

04/12/2025

**USO RACIONAL E ACOMPANHADO DE MEDICAMENTOS PARA PACIENTES
NEURODIVERGENTES**

Izabela Elias Santos¹; Relton Romeis de Oliveria²

RESUMO

Objetivo: O trabalho visa avaliar o uso indiscriminado de medicamentos psicotrópicos que são destinados para pacientes neurodivergentes por pessoas não diagnosticadas. **Metodologia:** Foi feita uma revisão descritiva da literatura, a partir da leitura de artigos originais presentes nas bases de dados de sites oficiais de pesquisa como PubMed, SciELO, Google acadêmico e periódicos capes. Como critérios de inclusão foram adotados e selecionados artigos dos últimos 5 anos referente ao tema e foram excluídos artigos mais antigos e/ou aqueles que não se enquadraram à proposta do estudo. **Resultados:** A literatura aponta sobre indivíduos neurodivergentes e acadêmicos que não são neurodivergentes, utilizam medicamentos psicotrópicos. Os portadores neurodivergentes que possuem dificuldades, necessitam de terapias e tratamentos medicamentosos. Os artigos selecionados demonstraram o abuso de fármacos psicotrópicos usados por acadêmicos com ou sem prescrição, e/ou adicionavam álcool e tabaco para potencializar seus efeitos. **Considerações finais:** Através da pesquisa foi possível verificar que, grande número de pessoas, fazem uso de medicamentos psicotrópicos sem prescrição médica ou acompanhamento. Foi possível avaliar sobre os riscos causados por essas medicações, já que as mesmas interferem diretamente no SNC. Foi possível inferir também que esse tema se trata de um problema de saúde pública é necessária muita conscientização por parte dos profissionais de saúde.

Palavras-chave: Uso racional de psicotrópicos; Fármacos para neurodivergentes; Uso de fármacos em TEA; Uso de fármacos em TDAH.

Fármácia

¹ Acadêmico do Curso de Farmácia do Centro Universitário Goyazes – UniGoyazes

² Orientador: Prof. Doutor, do Centro Universitário Goyazes – UniGoyazes

ABSTRACT

RATIONAL AND MONITORED USE OF MEDICATIONS FOR NEURODIVERGENT PATIENTS

Objective: This study aims to evaluate the indiscriminate use of psychotropic medications intended for neurodivergent patients by individuals who have not been diagnosed. **Methodology:** A descriptive literature review was conducted by reading original articles found in official research databases such as PubMed, SciELO, Google Scholar, and Capes journals. Inclusion criteria comprised articles from the last 5 years related to the topic, while older articles and those not fitting the study's proposal were excluded. **Results:** The literature highlights that both neurodivergent individuals and non-neurodivergent academics use psychotropic medications. Neurodivergent individuals who face challenges require therapies and medicinal treatments. The selected articles revealed the abuse of psychotropic drugs by academics with or without prescription, sometimes combined with alcohol and tobacco to potentiate effects. **Final Considerations:** Through this research, it became evident that a large number of people use psychotropic medications without medical prescription or proper monitoring. The risks caused by these medications were assessed, as they directly affect the central nervous system. It was also inferred that this issue is a public health problem requiring significant awareness from health professionals.

Keywords: Rational use of psychotropics, drugs for neurodivergents, drug use in ASD, drug use in ADHD.

Dedico o trabalho: Uso Racional e Acompanhado de Medicamentos para Pacientes Neurodivergentes a minha família, principalmente ao meu irmão que é autista e outras famílias que tenham parentes que sofrem de autismo ou qualquer outra deficiência neurológica e/ou física, que este trabalho sirva de aviso tanto para os neurodivergentes quanto para os acadêmicos para que não façam uso de psicotrópicos sem saber dos seus efeitos adversos.

1. INTRODUÇÃO

A neurodivergência é uma condição que referimos às pessoas que têm um funcionamento cerebral diferente de pessoas consideradas neurotípicas este problema impacta a vida social dessas pessoas, pois suas ações podem ser mal compreendidas levando-as a serem excluídas do mundo social, neste artigo explicarei sobre a neurodivergência, seus sintomas e de como eles podem ser ajudados para terem uma vida social de melhor qualidade (KROLL et al., 2024).

Existem vários tipos de transtornos, como por exemplo: Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), Transtornos Específicos de Aprendizagem, transtornos motores e transtornos de tiques. Os transtornos se manifestam na infância ou antes da criança entrar na escola para só então seus pais notarem as manifestações, mas se não notaram no início pode gerar sofrimento mental na criança. (KROLL et al., 2024).

Quando os pais descobrem que o filho (a) possui uma variação no

funcionamento cerebral , os pais procuram um neurologista ou um psiquiatra em busca de tratamento e acompanhamento psíquico e farmacológico. No final da década de 50 foram descobertas 5 classes de psicofármacos (os antidepressivos tricíclicos, antidepressivos IMAO, antipsicóticos, ansiolíticos, estabilizadores de humor (popularmente conhecido com antimania)) que tratam de doenças que afetam o sistema cognitivo. Estes fármacos são capazes de agir no SNC (Sistema Nervoso Central), inibir ou bloquear neurotransmissores, que ajudam a minimizar as estereotipias (MENDES et al., 2024).

Todavia os psicofármacos podem ter efeitos adversos para os pacientes com doenças dessa natureza, por isso que sua administração deve ser feita com prescrição e acompanhamento médico. Caso surjam alguns efeitos colaterais ou adversos, que possam se tornar irreversíveis para o paciente o profissional deverá intervir para garantir a eficácia e segurança no tratamento. Além disso os familiares do paciente também têm o papel de observar e relatar ao médico em caso de quaisquer distúrbios em relação aos medicamentos (MENDES et al., 2024).

A neurodivergência refere-se a variações no funcionamento cerebral que diferem do padrão considerado "típico" (neurotípico). Existem vários tipos de neurodivergência como: esquizofrenia, transtorno bipolar, ataques de pânico, depressão severa, Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), entre outras. Algumas fobias ou transtornos de ansiedade de níveis moderados, dentre os quais podem ser resolvidos com tratamento psicoterápico, no entanto transtorno mais severos ou qualquer problemas na condição neural um profissional da saúde que esteja acompanhando o paciente pode prescrever o uso de psicofármacos para tratar esta condição, informa o paciente e seus familiares de como e quando devem tomar (MEMDES et al, 2024).

Nos últimos anos, mais e mais pessoas tem sido diagnosticada com alguma neurodivergência ou transtornos da cognição. Isso tem impulsionado pesquisadores na descoberta de novos medicamentos que possam ser mais eficazes no tratamento desses transtornos, e ao mesmo tempo, que possam apresentar mais segurança e menos efeitos colaterais ou adversos. Dentre os fármacos sintéticos já mencionados, há também aqueles de origem fitoterápica como a cannabis por exemplo, que já tem sido estudada como possível estratégia para o tratamento de algumas doenças de cunho neurológico (ROCHA et al., 2024).

O uso de medicamentos psicotrópicos que promovem a melhora das funções cognitivas, não só para neurodivergentes, como para pessoas neurotípicas como

estudantes e trabalhadores em atividades burocráticas, pode promover danos se usados de forma indiscriminada. Pois podem causar danos irreversíveis e até risco de morte. (ARAÚJO; SANTOS, 2024).

Diante deste cenário o presente trabalho se propõe a analisar qualitativamente o uso indiscriminado e de forma não prescrita de psicofármacos, que por sua vez deveriam ser utilizados nas clínicas, hospitais, UBSs com prescrições médicas. Evitando casos severos das reações adversas..

2 METODOLOGIA

O método aplicado foi uma revisão descritiva da literatura, a partir da leitura de artigos originais presentes nas bases de dados de sites oficiais de pesquisa como PubMed, SciELO, Google acadêmico e periódicos capes. Como critérios de inclusão foram adotados e selecionados artigos dos últimos 6 anos que pela leitura do título e resumo apresentarem dados relevantes e inovadores referente ao tema. Foram excluídos artigos mais antigos e/ou aqueles que não se enquadraram à proposta do estudo. Dos mais de 200 artigos encontrados em uma busca inicial, através dos descritores “neurodivergência”, “psicofármacos”, “uso indiscriminado de fármacos para TDHA e TEA”, dentre outros, foram selecionados um total de 10 artigos. Os artigos foram lidos na íntegra e os resultados mais relevantes foram expostos no quadro de resultados (Quadro 1). No decorrer da escrita do trabalho novas buscas foram feitas no intuito de encontrar artigos que pudessem melhor fundamentar a discussão.

3 RESULTADOS

Segundo a literatura recente a Neurodivergência se refere a uma variação do funcionamento cerebral que não pode ser considerado normal, por exemplo: autistas, pessoas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), pessoas com altas habilidades/superdotação (AH/ SD), dentre outras (ALENCAR et al., 2021). Diante disso o Quadro 1 a seguir traz informações relevantes de resultados encontrados nos artigos da literatura para tratar das problemáticas envolvendo o uso indiscriminado de psicofármacos sem prescrição.

Quadro 1: Resultados de 10 artigos de literatura recente que tratam sobre o uso indiscriminado de psicofármacos.

Autor e ano	Método usado	Principais resultados
Bru, et al 2024.	Seguindo uma metodologia qualitativa, foi realizado nove entrevistas com médicos que prescrevem psicofármacos e trabalham no campo da saúde na cidade de Mar del Plata.	Os médicos generalistas e psiquiatras entrevistados explicam sobre os psicofármacos e de seu uso indiscriminado pelos pacientes/indivíduos. Eles relataram que o psicotrópico mais falado nessas entrevistas foi o tipo de benzodiazepínico ao qual os prescritores atribuem uma série de características. Embora os médicos tentem barrar o uso destes medicamentos, estes indivíduos encontram outras formas de conseguir, seja por familiares ou amigos. Outros entrevistados relatam sobre o uso racional de

		medicamentos, esclarecendo que quanto mais se conhece a psicofarmacologia, mais precisos são os tratamentos abordados, para isso acontecer o médico e psiquiatra devem confiar neste psicofármaco e que pode ajudar para o tratamento do paciente.
--	--	--

Ernsen, et al 2023.	Foi feito uma análise quantitativa e exploratória em prontuários clínicos sobre a psicofarmacoterapia prescrita no tratamento de comorbidades associadas ao Transtorno do espectro autista (TEA). O instrumento da pesquisa foram os 100 prontuários clínicos selecionados aleatoriamente seguindo os critérios de inclusão de pacientes diagnosticados com TEA, com idade entre dois e vinte e um anos, de ambos os sexos que realizam acompanhamento em uma clínica especializada em TEA na região oeste do Paraná.	O artigo mostra que dos 100 prontuários extensos manuais mostrando a situação dos pacientes e quais tratamentos eles faziam uso, como a inserção medicamentosa em sua rotina dos pacientes reduzindo efeitos adversos e favorecendo a adesão ao tratamento. Relata também sobre as variáveis sobre o TEA que podem estar relacionadas com a idade, gênero, terapias medicamentosas e comorbidades associadas ao TEA. Mostrou-se que 52% dos pacientes apresentavam pelo menos uma comorbidade associada, e desse público, cerca 44% apresentam duas ou mais comorbidades, 70% das pessoas com TEA também foram diagnosticadas com deficiência intelectual etc. O artigo fala sobre os medicamentos mais prescritos que esses pacientes fazem uso: 1) a classe de antipsicóticos atípicos: a risperidona (Risperdal®) aparece em 42% dos prontuários e a aripiprazol (Abilify®) em 12% são os únicos fármacos aprovados pela Agência de Vigilância Sanitária (ANVISA) para o tratamento do autismo; 2) a classe os psicoestimulantes: a Ritalina®, observado em 30% dos
---------------------	--	---

		prontuários com posologia padrão de 10mg ao dia e que tem como princípio ativo o metilfenidato; 3) classe dos antidepressivos, entre eles a sertralina com um percentual de 14% e a fluoxetina com 5% das prescrições.
Gotardo, et al 2022.	A pesquisa foi realizada em um Centro Universitário privado, situado na cidade de Cascavel, Paraná. Utilizaram a técnica de autorrelato estruturado, no qual os 587 estudantes relataram sobre o uso de medicamentos controlados. Os dados coletados foram tratados estatisticamente.	Este artigo mostra que os estudantes responderam os questionários e demonstraram a sua aceitação da pesquisa. O artigo mostra que maior representação foi de solteiros (82,7%), do sexo feminino (62,7%), com faixa etária entre 19 e 22 anos (50,6%), com trabalho remunerado (75,5%) e com nível socioeconômico C (35,1%). A pesquisa mostra que 15,8% utilizam algum tipo de medicamento psicotrópico. Dentre os cursos, o curso de enfermagem, possui a maior prevalência na utilização de medicamentos controlados (28,6%). A pesquisa mostrou também que a maioria faz uso de bebida alcoólica e tabaco. Os estudantes que utilizam esses medicamentos controlados, 84,9% fazem uso através de prescrição médica, enquanto 10,7% descreveram o uso por automedicação. De acordo com os relatos 62,4% fazem uso de somente um fármaco, com maior representatividade a classe dos antidepressivos (81,7%) e sendo a sertralina o medicamento mais utilizado (21,5%) seguida do metilfenidato (17,2%).

Kantorski, et al 2021.	Foi feito um estudo analítico, de base documental, a partir do estudo de prontuários, foi obtido 400 prontuários, dos quais foram excluídos 11 por informações incompletas, ficando 389 prontuários entre setembro de 2017 e maio de 2018. Associações entre a presença de subdose ou sobredose e as características dos participantes foram avaliadas por meio do teste qui-quadrado, adotando como valor significativo $p < 0.05$.	O diagnóstico mais frequente foi depressão (36,6% $n=133$), seguido de esquizofrenia (25,1% $n=91$), retardo mental (14,33% $n=52$), bipolaridade (10,5% $n=38$), outros transtornos neuróticos (8,3% $n=30$) e outros transtornos não especificados (5,2% $n=19$). Também relata os medicamentos mais utilizados: antipsicóticos (74,7%), 16,0% de usuários com pelo menos uma medicação com dose abaixo da terapêutica e outros 3,6% acima da dose terapêutica recomendada. Foi observado que 80,9% ($n=314$) dos usuários receberam prescrição de todos os medicamentos dentro da dose terapêutica recomendada, no entanto, 16% ($n= 62$) dos usuários receberam indicação de pelo menos uma medicação com dose abaixo da dose terapêutica, e outros 3,6% ($n= 14$) receberam prescrições com pelo menos uma medicação com dose acima da dose terapêutica recomendada. Dos indivíduos 7,2% relataram ouvir vozes, estes apresentaram doses terapêuticas acima do recomendado.
-------------------------------	---	--

Lemos, et al 2021.	Foi feito um estudo transversal, realizado em uma farmácia de Unidade Básica de Saúde localizada no município de Jequié, da região Sudoeste da Bahia. Junto com um profissional farmacêutico. Juntaram dados no período de agosto a outubro de 2019. Foi avaliado 249 notificações de receitas B1. Este estudo tem como finalidade avaliar o	O artigo mostra que 0,4% das prescrições não eram possível interpretar e identificar o paciente, também constava a especialidade médica, 66 (62,8%) foram prescritas por psiquiatras, 27 notificações de receita (10,8%) ocorreu o preenchimento da substância junto com a dose por unidade posológica, agora para o tratamento que era prescrito em comprimidos, mas em 3 (1,2%) essa informação foi preenchida
--------------------	--	---

	cumprimento das normas técnicas impostas pela legislação vigente para a prescrição e dispensação dos psicotrópicos das notificações de receitas B1 dispensadas na farmácia comunitária de uma unidade básica de saúde do município de Jequié, Bahia.	apenas no campo da posologia, além disso observa-se que 137 (55,0%) das notificações de receita, e das 112 (45%) que estavam ausentes mostraram problemas como substituição da quantidade e forma farmacêutica pelo número de caixas (93,75%). As notificações apresentaram ausência em 96,0% no endereço do paciente, 99,2 % da quantidade do medicamento não estava escrita por extenso e em 100% estavam ausentes a assinatura do responsável pela dispensação.
--	---	--

Morais, et al 2023.	Fez um estudo de cunho quantitativo observacional do tipo transversal com a finalidade de analisar os acadêmicos do curso de graduação de Medicina de uma instituição privada em Minas Gerais, do 1º aos 8º períodos, se estes estudantes estão fazendo uso indevido do Cloridrato de Metilfenidato. Para fazer uma coleta dos dados, utilizou-se um questionário padronizado e de autopreenchimento.	Dos entrevistados que estavam matriculados no curso de graduação em medicina, do primeiro ao oitavo período, aqueles com maior abrangência foram os quartos, quinto, sexto e sétimo períodos (média de 14,46%). 94,21% dos entrevistados têm conhecimento que o Cloridrato de metilfenidato possui efeitos adversos e que pode causar dependência. Os estudantes também responderam sobre os efeitos colaterais que eles perceberam depois do uso: ansiedade (1,24%), cefaleia (2,07%), taquicardia (7,02%) e outros (15,7%). Há uma prevalência de 24% dos alunos que fazem uso do Cloridrato de Metilfenidato sem prescrição, além disso, 61,57% dos entrevistados acreditam no aumento da capacidade cognitiva e em contrapartida 38,43% não acreditam no aumento da capacidade cognitiva.
---------------------	--	--

		A pesquisa mostrou que os estudantes que fazem uso do metilfenidato para neuro aprimoramento por parte dos alunos foi de: 70 participantes do sexo masculino, representam
--	--	--

Santos, et al 2021.	Trata-se de um estudo transversal, quantitativo, descritivo e observacional, realizado em 2019, utilizando-se como ferramenta um questionário padrão construído especificamente para avaliar o uso de metilfenidato e outros psicoestimulantes por discentes do curso de Farmácia de um centro universitário, em Natal-RN.	A pesquisa mostrou que os estudantes que fazem uso do metilfenidato para neuro aprimoramento por parte dos alunos foi de: 70 participantes do sexo masculino, representam 70%, já os mais novos são de 57%. Foi descrito que 90% dos entrevistados fazem uso do medicamento sem prescrição médica, enquanto os 80% foram informados que tinham conhecimentos sobre os riscos do uso irracional do medicamento, a maioria usou para melhora cognitiva. Dos 58% dos entrevistados afirmaram que fizeram uso de alguma substância psicoativa durante a graduação, sendo a cafeína e o álcool os mais citados.
Silva, et al 2024.	Foi realizado um estudo de natureza observacional e quantitativo em um grupo de estudantes de 18 a 70 anos. Os estudantes responderam um questionário, entre os meses de maio e junho de 2024. Os entrevistados responderam presencialmente na IES em Maringá/PR e os dados foram avaliados através de estatísticas descritiva simples.	Este artigo descreve sobre os medicamentos psicotrópicos que são classificados: ansiolíticos, antipsicóticos, antidepressivos, sedativos, estimulantes psicomotores, psicomiméticos e potencializadores da cognição. No artigo explica que a maioria dos estudantes dos cursos de biomedicina, farmácia e enfermagem totalizando 401 estudantes, dos quais 100 alunos responderam que utilizam ou já utilizaram medicamentos psicotrópicos, o que corresponde a 24,9% da

		população em estudo. Os estudantes de biomedicina que utilizam medicamentos psicotrópicos, são 33,6% dos alunos, em seguida pelos cursos de farmácia e enfermagem, com 22,1% e 18,9%, respectivamente. Os estudantes que fazem mais uso são do sexo feminino e são da área de saúde. O artigo também relata sobre os medicamentos, sertralina, que corresponde a 18,2% do total dos alunos em estudo. Em seguida, destaca-se o uso de escitalopram (12,3%), fluoxetina (9,1%), metilfenidato (8,4%), venlafaxina (6,5%), clonazepam (6,5%), succinato de desvenlafaxina (4,5%) e lisdexanfetamina (3,9%).
Tavares, et al 2022.	Fez um estudo transversal, com componente descritivo e analítico. Foram incluídos dados do período de agosto de 2019 a novembro de 2020 nas dependências da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), foi feito um questionário contendo informações sociodemográficas, econômicas e sobre uso de psicofármacos.	Observou - se que dos 132 homens entrevistados, 7,58% afirmaram fazer uso de medicamentos antidepressivos e das 236 mulheres, 10,59% afirmaram usar algum destes medicamentos. Dos participantes entrevistados 22,3% alegaram fazer uso de ansiolíticos/antidepressivos, começaram a tomar após o ingresso na universidade e em uso diário. A maioria deles relata ter alterado a dosagem sem consultar o médico, asseguraram conhecimento sobre os efeitos adversos do medicamento, sabe que a remoção do medicamento deve ser feita de maneira gradual, mas afirmam ter

		interrompido o
		tratamento sem consultar o médico.
Treichel, et al 2021.	Foi feito um estudo transversal, foram entrevistados 537 familiares da 21ª Região de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul.	A prevalência do uso de psicotrópicos na população estudada foi de 30% (IC95%: 26- 34) (N = 161). O estudo mostra que entre os entrevistados, os psicotrópicos mais utilizados são a classe dos antidepressivos (47,20%), seguida pelos ansiolíticos (33,54%), antiepiléticos (24,22%), antipsicóticos (6,21%) e por último, hipnóticos e sedativos (1,86%). Destaca-se que houve maior prevalência de uso de psicotrópicos entre os familiares que não compartilhavam as ações do cuidado (35,53%). Quanto ao grau de dependência do indivíduo cuidado, não houve diferença estatisticamente significativa entre os estratos. Já para o sentimento de sobrecarga, foi observado que quanto maior o grau de sobrecarga, maior a prevalência do uso de psicotrópicos, chegando a 60,1% entre aqueles com sobrecarga intensa ($p \leq 0,001$).

4 DISCUSSÃO

4.1 Abordagem psicossocial da neurodivergência

A neurodivergência é um assunto muito falado no dia a dia, no jornal, nas

entrevistas e nos livros de história, é uma condição neurológica que afeta funcionamento cerebral da pessoa. Esta debilidade faz com que os indivíduos portadores neurodivergentes enfrentem dificuldades no mundo como ter dificuldade de interagir com outras pessoas, fazendo elas serem excluídas no mundo social. As crianças portadoras não conseguem se integrar nas brincadeiras ou atividades escolares ou sociais de rotina. Além disso, pode ocorrer bullying e os professores nem sempre conseguem ajudá-los. Devido a avanços na sociedade algumas leis têm sido criadas para amparar crianças especiais dentro de um processo de inclusão e integração social. Considerando que essas crianças são especiais, alguns médicos, neurologistas, terapeutas recomendam atividades cognitivas, atividades terapêuticas e uso de medicamentos caso seja necessário. Esses medicamentos são sempre utilizados mediante diagnóstico médico, onde a doença exhibe quadros de ansiedade, depressão, hiperatividade, movimentos repetitivos e agressividade. (ALENCAR et al, 2021).

4.2 Abordagem classificatória dos tipos mais comuns de neurodivergência

Dentre os transtornos de neurodivergência encontrados na sociedade há aqueles que se apresentam, por assim dizer, mais comumente entre os indivíduos. A saber o TEA (Transtorno do Espectro Autista), TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade), bipolaridade, dislexia e discalculia, além de síndrome de Tourette, e Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) (SILVA et al, 2024; ERNSEN et al, 2023).

O diagnóstico para neurodivergência é bastante complexo, não sendo possível fazê-lo durante a gestação ou nos primeiros dias de vida. Normalmente o diagnóstico é realizado na fase de criança (2 a 7 anos) por equipes multidisciplinares como psicólogos, psiquiatras, neurologistas, pediatras, etc. (DOUTOR, 2025)

A literatura apresenta vasta abordagem sobre todos esses transtornos supracitados. Entretanto este objeto de estudo se dedica primordialmente ao TEA e TDAH.

O termo pensamento autismo foi criado pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler em 1910, uma tendência de raciocínio dos pacientes esquizofrênicos. Décadas depois, Leo Kanner faz uso de tal termo com Donald Triplett, o primeiro paciente diagnosticado com autismo. Triplett nasceu em 08 de setembro de 1933. Seus pais o consideravam uma criança “normal”. Aprendeu andar e a falar cedo, porém, conforme ele crescia desenvolvia algumas características diferentes, como

desconforto ao ser carregado, ficar sentado e quieto por muito tempo e, o que os seus pais consideravam pior, a indiferença emocional com eles. Desta forma, os pais de Donald, que não sabiam mais como agir, o levaram para o *Prevenorium*, que era um local conhecido por acolher crianças brancas entre 4 e 11 anos para serem cuidadas e vigiadas por uma equipe médica especializada. Passado um tempo, como não havia mudanças em seu comportamento, Katherine e Beamon Triplett procuraram pela ajuda de Leo Kanner, um psiquiatra austríaco morador dos Estados Unidos, que estava famoso na época por conta de seu sucesso no estudo como psiquiatra infantil (LOUZADA, et al 2024).

Kanner estudou Donald, fez um relatório descrevendo o seu comportamento, depois surgiu outros pacientes com sintomas similares aos do Donald, em 1943, com 11 casos, sendo 8 meninos e 3 meninas, Kanner publicou seu primeiro artigo intitulado com o nome do transtorno, *Autistic Disturbances Of Affective Contact* (Distúrbio autista do contato afetivo). Kanner deixou em sua pesquisa que o autismo sempre existiu, porém pela falta de conhecimento das pessoas, as crianças portadoras de TEA eram considerados débeis, esquizofrênicas, surdas etc. (LOUZADA, 2024).

Nos dias de hoje o TEA é considerado um dos principais desafios para a saúde, sendo um prejuízo para os serviços públicos em países desenvolvidos ou em desenvolvimento (TAVARES, 2022). No entanto no ano de 2014, foi criada leis que beneficiam os portadores de TEA garantindo os seus direitos como qualquer cidadão. Por exemplo foi criada a Lei 12.764/2012 foi regulamentada pelo decreto presidencial 8.368/2014 que garante o acesso aos serviços públicos do SUS (Sistema Único de Saúde), educação e proteção social para o portador de TEA. (SILVA, 2022). O portador de autismo tem direito de ter um professor de apoio para auxiliá-lo diretamente na escola, seja ela, pública ou particular. Embora que nem todas as escolas públicas possuem professores de apoio para as aulas, caso não haja procuramos ajuda do diretor da escola se ele pode empregar alguém.

Outra neurodivergência é o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) que surgiu na literatura médica por volta do século XIX. Ele é um transtorno neurológico de origem genética, que apresenta três principais sintomas como hiperatividade, desatenção e impulsividade. Este transtorno mudou de nomenclatura ao longo dos anos até ser conhecido como TDAH, os estudos mostraram que o transtorno aparece na infância e geralmente acompanha o

indivíduo até a fase adulta. Seus sintomas mais constatados são a hiperatividade e/ou a falta de atenção (gerando interferências no desempenho educacional, social ou ocupacional), seguido pela impulsividade (impaciência, problemas em esperar, interromper as pessoas falando antes que terminem). Podem apresentar também baixa tolerância a frustrações, fragilidade emocional, problemas com autoestima, entre outros, podendo causar problemas emocionais aos seus familiares, prejuízos financeiros e acadêmicos. Tais problemas podem torná-los excluídos na sociedade (CARVALHO et al, 2022).

Segundo pesquisas atuais o diagnóstico para TDAH, envolve vários tipos de informações, dentre elas histórico familiar, personalidade, desempenho, níveis de satisfação, desempenho escolar, relações interpessoais, comportamento em casa e em sala de aula. Dessa forma através de ação multiprofissional são detectadas observações que podem gerar um diagnóstico clínico (CARVALHO et al, 2022).

4.3 Abordagem farmacológica no tratamento da neurodivergência

Segundo Silva, et al 2024, pessoas neurodivergentes podem apresentar padrões únicos de aprendizagem, comunicação e interação social, muitas vezes acompanhados por desafios como hiperatividade, ansiedade, dificuldades sensoriais e repetitividade comportamental. Essas características não indicam uma doença, mas uma diversidade neurológica que deve ser compreendida em seu contexto biopsicossocial.

Embora a abordagem principal seja psicossocial e educativa, o uso de fármacos pode ser indicado para gerenciar sintomas específicos que interferem na qualidade de vida, como agressividade, irritabilidade, ansiedade e distúrbios do sono.

Fármacos como antipsicóticos atípicos (risperidona, olanzapina) tem sido empregados para controle de irritabilidade e comportamentos agressivos; inibidores seletivos de recaptação de serotonina (ISRS) para ansiedade e comportamentos repetitivos; psicoestimulantes para hiperatividade; e melatonina para distúrbios do sono. Essa variedade terapêutica deriva da complexidade neurobiológica da neurodivergência, que envolve alterações na neurotransmissão, plasticidade cerebral, e processos neuro inflamatórios, além de comorbidades que potencializam os sintomas comportamentais (ERNSSEN, et al 2023).

A farmacoterapia é recomendada principalmente quando os sintomas são severos ou quando terapias não medicamentosas apresentam eficácia limitada. O

objetivo não é "curar" a neurodivergência, mas aliviar sintomas que dificultem o funcionamento diário ou social, promovendo melhor adaptação e qualidade de vida do

paciente. Assim, a decisão farmacológica deve ser individualizada, fundamentada na avaliação detalhada do perfil neurocomportamental e nas evidências científicas dos benefícios e efeitos adversos dos fármacos. A atuação do farmacêutico é essencial para monitorar a eficácia, ajustar doses e orientar os pacientes e familiares sobre o uso racional dos medicamentos (LEMOS, et al 2021).

Vários psicofármacos são utilizados hoje em dia na clínica para tratamento de neurodivergência. De acordo com os artigos pesquisados, os mais comuns são aripiprazol, risperidona, metilfenidato (Ritalina), sertralina, melatonina, venlafaxina dentre outros.

Dentre os fármacos citados a literatura já reportou sua indicação e mecanismo de ação. O Aripiprazol é um antipsicótico atípico (AAt), ele é indicado para o tratamento de episódios de manias, assim como para quadros mistos de transtorno bipolar (TB) tipo I, também indicado para tratar da irritabilidade dos portadores de TEA (Transtorno do Espectro Autista) (SOUZA et al, 2010). A Risperidona é indicada para o tratamento de curto prazo para a mania aguda ou episódios mistos associados com transtorno bipolar I, trata Alzheimer moderada a grave, irritabilidade associada ao transtorno autista, em crianças e adolescentes, incluindo desde sintomas de agressividade e outros (DOUTOR et al, 2025). O Metilfenidato é o psicoestimulante que ajuda aumentar as atividades em algumas partes do cérebro, por isso que ele é frequentemente indicado para tratamento de TDHA e narcolepsia (SANTOS et al, 2021). Sertralina: é indicado para tratar de depressão, depressão acompanhado com ansiedade e para tratar de irritabilidade do TEA, além de comportamentos repetitivos e disruptivos (NETO et al, 2019).

Outro medicamento prescrito para os TEAs é a Melatonina que ajuda a melhorar significativamente a duração do sono e a latência do início do sono. A melatonina é um neurohormônio endógeno, produzido e sintetizado no cérebro humano pela glândula pineal durante a noite. Ela tem sido comercializada como um nutracêutico e tem como princípio ativo o N-acetil-5-metoxitriptamina. Alguns estudos demonstraram que alguns autistas possuem níveis baixos de melatonina, por isso que alguns autistas têm problemas para dormir e ficam muito tempo acordados (ERNSEN, 2023).

4.4 Uso indiscriminado e sem prescrição

O uso indiscriminado de medicamentos psicotrópicos é um problema de saúde pública, devido aos riscos que estes medicamentos podem causar a curto e longo prazo, sendo relatados abusos de medicamentos, com ou sem prescrição médica. Os artigos mostraram que o abuso de psicofármacos está presente nos ambientes universitários, acadêmicos, etc. Segundo a maioria dos artigos apresentados no quadro 1, o uso de ansiolíticos, antidepressivos e psicoestimulantes vêm crescendo gradativamente. Gotardo et al, 2022 relata que a maioria desses alunos adquirem estes fármacos através de compartilhamento de medicamentos com familiares, círculo social, ou ainda por desvios de receitas destinadas a outra terapêutica. Além disso ocorre a reutilização de antigas prescrições e muitas vezes com descumprimento de orientação profissional prolongando ou interrompendo precocemente a posologia (GOTARDO et al, 2022).

Estes fármacos psicoativos são destinados para indivíduos que sofrem de transtornos emocionais e psíquicos ou aqueles indivíduos com outros tipos de problemas que afetam o funcionamento da mente, ou seja, não estão destinados a pessoas que não possuem qualquer problema relacionado aos exemplos citados acima, e principalmente sem prescrição médica configuram-se como automedicação (GOTARDO et al, 2022).

Alguns dos artigos estudados relataram que alguns estudantes têm feito o uso de psicofármacos concomitantemente a ingestão de álcool e tabaco. Isso mostra sobre a urgência de alertar os estudantes sobre a interação dessas drogas com os fármacos (GOTARDO et al, 2022; SILVA et al, 2024).

Morais et al, em seu artigo alerta aos acadêmicos que fiquem atentos ao consumo de bebidas alcoólicas associado à utilização de fármacos, pois a mistura de tais substâncias podem provocar alguns efeitos colaterais graves. O álcool pode tanto potencializar os efeitos dos medicamentos quanto causar a sua neutralização. Um grande exemplo é o Cloridrato de Metilfenidato que quando associado ao álcool pode ocasionar efeitos adversos como insônia, perda de apetite, náuseas, dores abdominais, nervosismo e taquicardia. Além disso, o artigo fala que bebidas energéticas associadas aos fármacos, também, podem ocasionar efeitos colaterais semelhantes aos do álcool (MORAIS et al, 2023).

Conforme Kantorski et al, muitas variáveis devem ser consideradas na psicofarmacologia quanto à escolha da medicação, prescrição, administração, representação psíquica da medicação para o usuário e questões familiares e

ambientais. Esta pesquisa aponta que, conforme foi observado em outros estudos, os serviços de saúde são acessados majoritariamente pelas mulheres, o que pode justificar a prevalência (36,6%) do diagnóstico de depressão na amostra estudada, considerando que é o transtorno psicopatológico que mais acometem as mulheres em consequência de multifatores biológicos, sociais e de gênero (KANTORSKI,2021).

Tavares et al, mostrou em seu artigo que dos 132 homens entrevistados, 7,58% afirmaram fazer uso de medicamentos antidepressivos e das 236 mulheres, 10,59% afirmaram usar algum destes medicamentos. Podemos observar há maior percentual de alunos do sexo feminino. (TAVARES, 2022).

Dos participantes entrevistados 22,3% alegaram fazer uso de ansiolíticos e/ou antidepressivos, após ingresso na universidade. A maioria deles relataram ter alterado a dosagem sem consultar o médico, asseguraram conhecimento sobre os efeitos adversos do medicamento, sabe que a remoção do medicamento deve ser feita de maneira gradual, mas afirmam ter interrompido o tratamento sem consultar o médico. Há também a questão da idade, a maioria dos universitários estava na faixa etária de 20 a 29 anos (66,6%) (TAVARES, 2022).

De acordo com a pesquisa de Bru, os médicos generalistas e psiquiatras entrevistados explicaram sobre os psicofármacos e sobre seu uso indiscriminado. Alguns relataram que embora os médicos tentem barrar o uso destes medicamentos, mesmo assim estes indivíduos encontram outras formas de conseguir através de familiares ou amigos. (BRU, 2024).

Treichel et al, em sua pesquisa mostrou uma alta prevalência do uso de psicotrópicos entre familiares e cuidadores. Na população geral foi encontrada uma prevalência de 9,9% (IC95%: 8,9-10,9), neste estudo a prevalência encontrada foi de 30% (IC95%: 26-34). Um grande exemplo disso é a alta manifestação de Transtornos Psiquiátricos Menores, caracterizada pela experimentação de sentimentos de depressão e ansiedade. Este estudo ressalta que das classes de psicotrópicos mais utilizados pela população estudada dizem respeito aos antidepressivos (47,2%) e ansiolíticos (33,54%). Dentro os quais se destacam a Fluoxetina e o Diazepam, utilizados respectivamente por 27,33% e 24,22% dos familiares cuidadores que referiram uso de algum psicotrópico (TREICHEL, 2021).

Um dos artigos pesquisados relata que além dos indivíduos que tem TDAH e narcolepsia que fazem uso do medicamento metilfenidato, pessoas saudáveis

principalmente estudantes, usam metilfenidato para melhorar a concentração, atenção e desempenho acadêmico ou para fins recreativos, a maioria são estudantes universitários e funcionários que fazem uso do metilfenidato alegando alívio de tensões psicoemocionais causadas pela função. É relatado que a maioria dos usuários são do sexo feminino. Este artigo sugere que mais estudos são necessários em outras instituições de ensino e em outros cursos de graduação, para identificação de condições preditoras do uso irracional de psicoestimulantes, e dessa forma traçar medidas preventivas e educativas de modo a reduzir essa prática antes que ocorra problemas de saúde e mortes súbitas (SANTOS et al, 2021).

4.5 Problemas e riscos pelo uso indiscriminado e não acompanhado

É de conhecimento geral que antes de tomar os medicamentos, devemos saber sobre os efeitos adversos dos medicamentos, pois quando vamos adquirir os fármacos fazemos perguntas aos farmacêuticos ou médicos de como e quando devemos tomá-los e se há algum efeito adverso. Mas atualmente vemos que muitos indivíduos fazendo uso indiscriminado destes medicamentos e acabam adquirindo problemas mentais e físicos, a maioria destes indivíduos são estudantes acadêmicos e universitários.

De acordo com Bru et al, mostra que objetivo do uso de psicofármacos não é exatamente curar, mas modificar a forma como os incidentes cotidianos são vivenciados e interpretados, o uso de psicotrópicos não está tanto relacionado ao tratamento de doenças, e sim para normalizar, funcionalizar e reduzir o desconforto do usuário (BRU, 2024).

Foi mostrado pelo Santos et al, sobre um psicoestimulante, o metilfenidato como exemplo, os usuários (acadêmicos) que fazem automedicação e não faz acompanhamento por um profissional da área da saúde, relatam sobre os seus efeitos adversos, como a supressão do crescimento, aumento da pressão sanguínea, desordens relacionadas ao sistema nervoso central, eventos cardiovasculares graves e morte súbita (SANTOS, 2021).

Os medicamentos psicotrópicos são uma classe de substâncias de origens distintas, naturais ou sintéticas. Eles agem e modificam o funcionamento do sistema nervoso central (SNC). Estes psicofármacos podem ser definidos como lícitos (legais) ou ilícitos (ilegais). As substâncias lícitas são aquelas consideradas de uso medicinal, ou seja, só devem ser utilizadas com orientação e prescrição médica para fins terapêuticos. Já as ilícitas, são substâncias proibidas por lei, no qual não podem ser

comercializadas (SILVA et al, 2024).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), os medicamentos psicotrópicos são classificados em ansiolíticos, antipsicóticos, antidepressivos, sedativos, estimulantes psicomotores, psicomiméticos e potencializadores da cognição. Estes psicofármacos/psicotrópicos só podem ser adquiridos com prescrição médica. A automedicação pode ocasionar riscos morbididades ou até mesmo a mortalidade. Dos artigos que foram pesquisados, nota-se que houve um aumento exacerbado por universitários, que utilizam esses medicamentos por diversos fatores como por exemplo: ansiedade, depressão, irritabilidade, insônia, por influência de outros colegas, entre outros (SILVA et al, 2024). Mas foram relatados que a automedicação pode gerar riscos à saúde do indivíduo, portanto os estudantes procurar um profissional capacitado para orientá-los quanto ao fármaco ideal, dose para o uso de maneira correta e efetiva, minimizando os efeitos adversos graves. Os efeitos secundários que os usuários que fazem automedicação relataram: dependência física ou psíquica, confusão mental que causa alucinações e até mesmo delírios, perda de apetite, crise de abstinência, boca seca, fadiga, sonolência, fome, etc (SILVA, 2024).

O uso indiscriminado de medicamentos pode ser enquadrado como problema de saúde pública, faz necessário o acompanhamento médico ou de outro profissional habilitado, como o farmacêutico, para orientar os usuários prevenir possíveis risco ao paciente (SILVA, 2024).

Os estudos mostram o aumento do uso de psicotrópicos como por exemplo: Cloridrato de Metilfenidato (Ritalina). Este fármaco é mais recomendado para os portadores de TDAH e narcolepsia, mesmo esses portadores devem tomar precauções, pois seus efeitos adversos são: dor de cabeça, aumento da pressão sanguínea, dores gastrointestinais, desordens psiquiátricas, redução do apetite, depressão, eventos cardiovasculares graves, excessiva sonolência e dependência (MORAIS et al, 2023). Outros fármacos têm sido citados como sertralina, aripiprazol, clonazepam, etc, mesmo estes fármacos não estão completamente isentos de efeitos adversos (SILVA et al 2024).

4.6 Desenvolvimento de novos fármacos para neurodivergência

Ao longo dos anos e até hoje muitos especialistas vem desenvolvendo novos fármacos para pessoas com neurodivergência como TDAH, narcolepsia, TEA, bipolar, esquizofrenia etc., por exemplo o fármaco melatonina que é neuro-hormônio

endógeno, produzido e sintetizado no cérebro humano pela glândula pineal durante a noite, hoje em dia tem sido comercializada também como um nutracêutico e tem como princípio ativo o N-acetil-5-metoxitriptamina. Depois de muitos estudos e pesquisas ela se tornou indicada para melhorar significativamente a duração do sono e a latência do início do sono no TEA e os adultos com TDAH (ERNSEN et al 2023).

O outro exemplo é o aripiprazol que têm menos efeitos colaterais do que outros fármacos com a mesma função, que ajuda no controle de agressividade e irritabilidade o indivíduo (DOUTOR et al 2025). “O aripiprazol é um antipsicótico atípico de terceira geração que atua como agonista parcial dos receptores de dopamina D2 e D3 e de serotonina 5-HT1A, além de antagonizar os receptores de serotonina 5-HT2A10. Isso significa que seu mecanismo de ação é contrário ao da risperidona, que atua como antagonista de receptores D211” (DOUTOR, 2025). O aripiprazol tem a eficácia de 78% enquanto o aripiprazol tem a eficácia de 82%, embora o aripiprazol ocupe em segundo lugar ele possui meia-vida maior que a da risperidona, auxiliando na adesão ao tratamento (DOUTOR, 2025).

Embora doses maiores de risperidona tenha provado ser mais eficaz, ela está associadas a maiores efeitos colaterais, como aumento do apetite, sedação, sonolência, aumento de peso, aumento dos níveis de prolactina e de resistência a insulina e reações extrapiramidais, sendo em sua maioria a acatisia. Isso tudo pode gerar sérios problemas para os indivíduos em tratamento, como disfunções metabólicas como o diabetes, obesidade, etc. (DOUTOR, 2025).

De acordo com Ernsen et al, produtos derivados de Cannabis, seja o canabidiol puro (CBD) ou o extrato de Cannabis sativa (CE), que vem ganhando espaço nas prescrições médicas para o tratamento das comorbidades associadas ao espectro do autismo, pois os especialistas apontam sua eficácia para o tratamento de pacientes com epilepsia refratária e o autismo não epilético. O estudo mostra que canabidiol puro possui efeitos psicofarmacológicos consideráveis sobre a ansiedade e outras condições como: esquizofrenia, vício e depressão, além de trazer vários benefícios dentre eles ação anticonvulsivo, sedativa, neuro protetora, hipnótico e antipsicótico. Contudo, a utilização de canabidiol como medicamento ainda não está autorizada, apenas os “produtos de Cannabis para fins medicinais” tem autorização, conforme descreve a RDC 327/2019 (ERNSEN et al, 2023).

Existe outro medicamento que é a D-anfetamina, no início da década de 1950.

Ela costumava ser vendida como remédio para gripe, tratamento de depressão e casos de fadiga, e foi utilizada pelos soldados durante a Segunda Guerra Mundial. Todavia, quando as guerras acabaram, as pessoas que faziam uso de anfetaminas, mostraram efeitos adversos deste medicamento, como: dependência química e física. Em virtude disso, os psicoestimulantes passaram a ser manipulados legalmente apenas pela indústria farmacêutica com determinação de uso para tratamentos de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e narcolepsia (MENDES, 2024).

Em suma, os artigos demonstraram que embora os medicamentos não estejam no mercado, não significa que estes medicamentos não estejam sendo estudados para serem modificados com a intenção de melhorá-los, sobretudo em seus efeitos adversos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os artigos encontrados e estudados foram demonstrados que a utilização desses medicamentos psicotrópicos vem crescendo nos últimos anos (2019-2023) a cada dia, sendo utilizadas para tratar neurodivergência como TDAH, TEA dentre outras. Infelizmente mostraram casos de pessoas como em sua maioria acadêmicos que não possuem anormalidade mental e mesmo assim fazem uso destes medicamentos com intenção de melhorar mais nos estudos, principalmente na chegada de provas.

Para evitar tragédias, o SUS, os professores e os profissionais da saúde alertam sobre seu uso inadequado para evitar qualquer risco de morbidade e mortalidade através de palestras, reuniões e banners para os alunos, como também para outros cidadãos para evitar qualquer tragédia.

Ao longo dos anos houve casos de fármacos que apresentaram sérios problemas de reações adversas, por isso certos medicamentos estão fora do mercado, mas são só utilizados quando um profissional da saúde achar realmente necessário. Como o canabidiol que é receitado em tratamentos específicos.

Podemos concluir que embora estes medicamentos sejam bons para ajudar no desenvolvimento do cérebro, os indivíduos neurodivergentes ou não, acham que podem tomar os medicamentos psicotrópicos sem medo dos efeitos que eles podem causar, eles devem procurar saber mais deste medicamento, e buscar soluções alternativas que não envolvam os psicotrópicos, é melhor não fazer uso de

psicotópicos sem supervisão médica e/ou farmacêutica, evitando problemas mentais, físicos e o risco de óbito.

6 REFERÊNCIAS

ALENCAR, Helenira Fonseca de et al. Neurodiversidade: aspectos históricos, conceituais e impactos na educação escolar. **Escola em tempos de conexões**, v.2, p 2125-2142. 2021.

ARAÚJO, Samira de Oliveira et al . Uso de Lisdexanfetamina para Melhoria Cognitiva: Implicações Éticas e Consequências para Estudantes Universitários. **COGNITIONIS Scientific Journal**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. e555, 2024.

BRU, Gabriela Silvina. Uso de psicotrópicos: usuários, prescrições e prescritores. Estudo na cidade de Mar del Plata, Argentina (2021-2022). **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. e220654pt, mar. 2024.

CARVALHO, Aline dos Santos Moreira de et al. TDAH–diagnóstico e papel do professor. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 2, p. e17711225724-e17711225724, 2022.

ERNSEN, Andressa Fátima da Silva et al. ANÁLISE DE PRONTUÁRIOS SOBRE PSICOFÁRMACOTERAPIA ASSOCIADAS ÀS COMORBIDADES DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, [S. l.], v. 27, n. 7, p. 3993–4005, 2023.

DOUTOR, Gabriel Cabriny et al. Efetividade e segurança da risperidona e aripiprazol no tratamento do transtorno do espectro autista: uma revisão narrativa. **Revista de Medicina**, v. 104, n. 1, 2025.

GOTARDO, Gisele da Silveira. et al. O uso de medicamentos psicotrópicos por estudantes de um centro universitário de Cascavel, Paraná. **SaBios**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 1–10, 2022.

KROLL, Elizabeth et al. The positive impact of identity-affirming mental health treatment for neurodivergent individuals. **Frontiers in Psychology**, v. 15, p. 1403129, 2024.

KANTORSKI, Luciane Prado et al. **Prevalência do uso de psicotrópicos e conformidade da dose terapêutica entre usuários de saúde mental**. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 74, n. 6, p. e20200679, ago. 2021.

LEMOS, Gisele da Silveira et al. Psicotrópicos: erros de prescrição e dispensação em farmácia de unidade básica de saúde. **Revista Saúde. com**, v. 17, n. 4, 2021.

LOUZADA, Jamille Bugine dos Reis et al. Autismo através dos séculos: uma análise histórica do desenvolvimento deste transtorno e seu impacto na sociedade. **Revista Tópicos**, v. 2, n. 11, p. 1-17, 2024.

MENDES, Ana Lourdes Cambraia et al. PSICOFÁRMACOS PARA QUEM? OS RISCOS E BENEFÍCIOS DE SUA UTILIZAÇÃO. **Revista Projetos Extensionistas**, v. 3, n. 2, p. 10-29, 2024.

MORAIS, Isabella Karoline Sousa et al. O uso indiscriminado de Cloridrato de Metilfenidato entre os estudantes de medicina e seus impactos negativos. **Revista Master - Ensino, Pesquisa e Extensão**, [S. l.], v. 8, n. 15, set. 2023.

NETO, Sebastião Gonçalves de Barros; BRUNONI, Decio; CYSNEIROS, Roberta Monterazzo. Abordagem psicofarmacológica no transtorno do espectro autista: uma revisão narrativa. **Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv.** São Paulo, v. 19, n. 2, p. 38-60, dez. 2019.

ROCHA, Graciane Rodrigues et al. MEDICALIZAÇÃO NA INFÂNCIA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO USO EXCESSIVO DE PSICOFÁRMACOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 1, p. 81-95, 2024.

SANTOS, Maressa Irene dos et al. Uso Não Prescrito de Metilfenidato por Universitários do Curso de Farmácia: uma Barreira para o Uso Racional de Medicamentos. **ARCHIVES OF HEALTH INVESTIGATION**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 492–497, nov. 2021.

SILVA, Suelen Aranda da. Uso de psicotrópicos por estudantes universitários da área da saúde de uma instituição de ensino superior. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 7, n. 5, p. e72804, 2024.

SILVA, Ewerton Fernandes da et al. O impacto financeiro nas famílias que tem diagnóstico de TEA (transtorno do espectro autista) e suas consequências financeiras e econômicas para a sociedade. **Tópicos Especiais em Ciências da Saúde: teoria, métodos e práticas**, v. 4, p. 190-201, 2022.

SOUZA, Márcio Gerhardt Soeiro de; SANTOS, Carlos Henrique Rodrigues dos; MORENO, Ricardo Alberto. Mania/hipomania induzida por aripiprazol. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 37, p. 175-177, 2010.

TAVARES, Thaynná Rodrigues et al. Avaliação do uso de psicofármacos por universitários. **Rev. Ciênc. Méd. Biol.(Impr.)**, p. 560-567, 2022.

TREICHEL, Carlos Alberto dos Santos et al. Uso de psicotrópicos e sua associação com sobrecarga em familiares cuidadores de usuários de centros de atenção psicossocial. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 329-337, 2021.